

LGBTQIA+ COMO INIMIGOS: o medo em grupos e canais bolsonaristas no Telegram¹

LGBTQIA+ as enemies: fear in Bolsonaroist groups and channels on Telegram

Guilherme Popolin²

Resumo: O bolsonarismo segue uma agenda conservadora de extrema-direita, que é amplamente difundida em grupos e canais do Telegram, espaços nos quais a população LGBTQIA+ é frequentemente alvo de ataques. Sabe-se que os adeptos do bolsonarismo são majoritariamente motivados pelo nacionalismo e pelos valores cristãos, de modo que muitos baseiam suas interpretações de mundo segundo valores difundidos durante a ditadura (1964-1985). Neste artigo, analisamos 40 grupos e canais bolsonaristas no Telegram, a fim de investigar se em grupos e canais pró-Bolsonaro no aplicativo de mensagens, as menções à população LGBTQIA+ evocam associações advindas da ditadura, bem como se tais conexões almejam imputar aos LGBTQIA+ a figura de um inimigo pela evocação do medo. Os resultados apontam que a população LGBTQIA+ é associada pelo bolsonarismo a partidos de esquerda, com o intuito de imputar a esse grupo social a figura de um inimigo a partir da mobilização do medo.

Palavras-Chave: Bolsonarismo. LGBTQIA+. Telegram.

Abstract: Bolsonaroism follows an far-right conservative agenda, which is widely spread in Telegram groups and channels, spaces where the LGBTQIA+ population is frequently targeted. It is known that Bolsonaroism supporters are mostly motivated by nationalism and Christian values, so many base their worldview interpretations on values spread during the dictatorship (1964-1985). In this paper, we analyze 40 Bolsonaroist groups and channels on Telegram, in order to investigate whether LGBTQIA+ mentions in pro-Bolsonaro groups and channels in the messaging app evoke associations from the dictatorship, as well as whether such connections aim to portray LGBTQIA+ people as an enemy by evoking fear. The results indicate that Bolsonaroism associates the LGBTQIA+ population with leftist parties, in order to portray this social group as an enemy through the evocation of fear.

Keywords: Bolsonaroism. LGBTQIA+. Telegram.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Mídia, Gênero e Raça da 10ª Edição do Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (10ª COMPOLÍTICA), realizado na Universidade Federal do Ceará (UFC), 09 a 10 de maio de 2023.

² Doutorando em Comunicação no Programa de Pós-graduação da Universidade Federal Fluminense (PPGCOM/UFF). E-mail: gpopolin@gmail.com.

1. Introdução

Nos últimos anos, seguindo uma tendência transnacional, o *modus operandi* dos mecanismos de opressão a quem tem orientações sexuais e identidades de gênero divergentes do padrão cisheteronormativo se atualizou a fim de se adaptar a novos contextos e às novas ferramentas de comunicação.

Ao longo do tempo, a discriminação e os ataques sofridos pela população LGBTQIA+ decorrem da desinformação, de piadas ofensivas, da desumanização imputada sobre essas pessoas, além de estratégias discursivas que reforçam dicotomias maniqueístas. A partir da segunda metade do século XX, as pautas e as lutas por direitos da população LGBTQIA+ passaram a ser objeto de debates políticos, oscilando entre avanços e retrocessos.

Atualmente, os retrocessos são, em grande parte, resultado do crescimento do conservadorismo de direita no cenário político, especialmente devido à influência de grupos religiosos que instrumentalizam essa corrente ideológica, ancorados em uma visão de mundo extremista. Nesse sentido, apoiando-se em plataformas sociais, a extrema-direita promove a deslegitimação das instituições, o nacionalismo e os valores cristãos.

No Brasil, assim como em outros países, o Telegram tem sido utilizado como um espaço profícuo para a propagação de pautas conservadoras de extrema-direita por diversos grupos sociais e partidos políticos. Nesse sentido, o bolsonarismo se destaca por sua agenda conservadora de extrema-direita, a qual tem sido amplamente difundida por meio de canais e grupos no Telegram – espaços nos quais a população LGBTQIA+ sofre ataques, os quais ainda carecem receber mais atenção da comunidade científica brasileira.

Essa tendência pode ser vista como um reflexo das mudanças no ambiente político do país nas últimas décadas, marcado pela crescente polarização ideológica e pela emergência de movimentos de direita. Por meio da utilização de plataformas sociais como o Telegram, grupos extremistas são capazes de disseminar suas mensagens de forma rápida e eficiente, alcançando um grande público.

No WhatsApp, o nacionalismo e a moral cristã engajam os adeptos do bolsonarismo por meio de leituras de mundo advindas da ditadura, culminando muitas vezes na mobilização do anticomunismo quando, por exemplo, a população LGBTQIA+ é acionada em mensagens que circulam em grupos bolsonaristas. Por isso, neste trabalho, investigamos se: em grupos e canais pró-Bolsonaro no Telegram, as mensagens que citam a população LGBTQIA+ evocam associações advindas da ditadura? Assim como no período ditatorial, tais conexões almejam imputar aos LGBTQIA+ a figura de um inimigo pela evocação do medo?

Para investigar as questões supracitadas, as quais norteiam o presente trabalho, este artigo está dividido em três seções, além da introdução e das considerações finais. Na próxima seção, a reflexão teórica versa sobre o Telegram e suas *affordances*, bem como a utilização da plataforma no contexto político brasileiro. Em seguida, traçamos um panorama sobre as problemáticas envolvendo orientação sexual e identidade de gênero no país. Por fim, lançamos luz sobre a metodologia utilizada e sobre os dados coletados.

2. Telegram: terreno fértil para extremismos

Com sede em Dubai, o Telegram Messenger está entre os cinco aplicativos mais baixados do mundo – em 2022, o aplicativo de mensagens ultrapassou a marca de 700 milhões de usuários ativos mensais (TELEGRAM, 2023). Criado em 2013, por Nikolai e Pavel Durov (SHU, 2013), o Telegram pode ser utilizado por meio de um smartphone, computador ou tablet.

Sob a proteção da criptografia de ponta a ponta, quem utiliza o Telegram pode realizar chamadas de áudio e vídeo, enviar mensagens de texto, fotos, vídeos, figurinhas, enfim, enviar e receber arquivos em qualquer formato. Além das conversas com contatos individuais, os sujeitos podem se relacionar por meio de grupos e canais. Os grupos – públicos ou privados – são espaços de conversação onde múltiplos usuários podem interagir. O acesso a eles pode ser por meio de link ou convite.

Os canais, por outro lado, são utilizados para transmitir informações para um grande público que compartilha o interesse por um mesmo assunto. Nesse sentido, os canais são utilizados para compartilhar notícias, atualizações de empresas, informes políticos, de modo que é possível encontrar canais voltados para os mais variados fins. A principal diferença entre grupos e canais é que os grupos permitem interações bidirecionais entre os membros, enquanto os canais são mais unidirecionais, com o proprietário do canal sendo o único responsável por publicar o conteúdo.

O número máximo de usuários em cada grupo é 200 mil, tornando-se uma opção mais flexível se comparado ao WhatsApp cujo limite de membros por grupo é de 1.024 integrantes. Os canais são utilizados com a finalidade de atingir um público maior que o número limite de integrantes dos grupos, já que os canais podem receber um número ilimitado de inscritos.

Sendo assim, tais características tornam o Telegram um ambiente profícuo para a disseminação de desinformação, fake news e conteúdos de cunho político. De acordo com Urman e Katz (2022), a rede de extrema-direita encontrada no Telegram é semelhante às redes encontradas nas principais plataformas de mídia social. Nesse sentido, a rede é descentralizada e dividida em várias comunidades distintas, principalmente em diferentes linhas ideológicas.

Alguns fatos recentes justificam a importância de lançar luz sobre o Telegram, uma vez que entendemos que ele pode ser utilizado para a disseminação de informações nocivas, que podem implicar em consequências graves. Em 2022, após pedido da Polícia Federal, o ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF), determinou o bloqueio do Telegram no Brasil. A justificativa foi a ausência de cooperação da plataforma nas investigações sobre a disseminação de informações falsas (PATRIOLINO, 2022). A revogação do bloqueio ocorreu após o Telegram atender às solicitações do STF: designar um representante no Brasil; estabelecer colaboração com agências de checagem de notícias; e se comprometer a limitar publicações que disseminam informações falsas.

Ainda em 2022, ano eleitoral, os grupos e canais de extrema-direita no Telegram foram palco para a transmissão de mensagens contra as instituições, como o STF e

o TSE (Tribunal Superior Eleitoral), além de conteúdos com narrativas conspiratórias. Nesse sentido, foi possível observar uma radicalização bolsonarista nesses espaços (INTERNETLAB, 2022).

Em 2023, após os atos golpistas em Brasília (DF), nas sedes dos três poderes, Moraes acatou o pedido da Advocacia-Geral da União (AGU), a fim de bloquear sete canais e 46 grupos do Telegram que organizaram e incentivaram os ataques golpistas (GRANJEIA, 2023).

Ainda neste ano, por conta do inquérito que investiga os atos antidemocráticos, Moraes determinou o bloqueio da conta do deputado federal Nikolas Ferreira (PL-MG). De acordo com o Telegram, a ordem "colide com o direito à liberdade de expressão". Sendo assim, o aplicativo de mensagens preferiu pagar a quantia de R\$ 1,2 milhão pelo descumprimento da ordem de bloqueio (UOL, 2023a; 2023b).

Ataques ao STF perpetrados em um grupo bolsonarista no Telegram foram observados por Dibai (2021). De acordo com a autora, a comunicação em grupos de direita favorece a radicalização, em decorrência da substituição da argumentação lógica pelas emoções. Nesses espaços ocorre uma polarização extrema, haja vista que a visão de mundo de seus membros divide a sociedade entre "bons" e "maus".

No auge da pandemia de Covid-19, o STF também foi atacado no canal oficial do ex-presidente Bolsonaro no Telegram. O espaço foi utilizado para a propagação de discursos autoritários e teorias conspiratórias, que fomentavam um "alerta moral". Desse modo, "o aplicativo também serviu como um local de embate político-ideológico" (MONARI, 2022, p. 26).

Apesar de iniciativas comunitárias (SOUZA *et al.*, 2021) e de ativismo que fazem uso do Telegram a fim de desafiar o sistema e o *status quo* (RAHBARI, 2022), o aplicativo de mensagens se destaca por: ser amplamente instrumentalizado por extremistas, como o ISIS (WALTHER; MCCOY, 2021) e grupos de extrema-direita (SCHULZE, 2022); propagar teorias da conspiração que fomentam a machosfera (VELHO, 2022); servir de plataforma para supremacistas brancos (GUHL; DAVEY, 2020); contribuir com a violência de gênero e com o assédio sexual virtual (SIMAREMARE; PRIBADI, 2022); ser um espaço para contestação às vacinas (MAIA *et al.*, 2023); e espalhar desinformação (SCHEREN, 2022). À vista disso, para

investigarmos como a população LGBTQIA+ é acionada em grupos bolsonaristas no Telegram, é essencial lançarmos luz sobre os aspectos que engendraram o debate sobre essa parcela da população nos últimos anos.

3. A perversidade da “ideologia de gênero”

Na última década, partidos e grupos inclinados à direita passaram a instrumentalizar de modo contumaz as redes on-line (PENTEADO; LERNER, 2018) para propagar suas pautas. Na miríade de plataformas sociais on-line que passaram a fazer parte do cotidiano de grande parte do corpo social, destaca-se o Telegram. Nesse sentido, seguindo o padrão de comunicação da *alt-right* estadunidense (NAGLE, 2017; LAMERICHS *et al.*, 2018), as plataformas sociais passaram a ganhar destaque no debate público.

Aproveitando-se deste cenário, na internet, Jair Bolsonaro, figura central do bolsonarismo, cristalizou sua imagem pública (WEBER, 2017; GOMES, 2004) propagando valores cristãos, nacionalistas e neoliberais. Para isso, posicionou-se ao longo do tempo como uma das principais figuras antigênero do país: polêmicas sobre o Escola Sem Partido (KNIJNIK, 2021), o “kit gay” (ROMANCINI, 2018; BALIEIRO, 2018) e a “ideologia de gênero” contribuíram para torná-lo conhecido nacionalmente.

Desde a década de 1990, a expressão "ideologia de gênero" é utilizada por grupos conservadores e religiosos, com o objetivo de barrar o avanço das pautas referentes aos direitos reprodutivos e sexuais (CLÉBICAR; BRASILIENSE, 2020; LIONÇO *et al.*, 2018). Católicos e evangélicos podem divergir entre si, no entanto, segundo Clébicar e Brasiliense (2020), quando se trata da "ideologia de gênero", esses grupos colocam de lado suas diferenças em favor de um objetivo maior.

A partir de 2010, Bolsonaro passou a tratar as políticas sexuais elaboradas pelo PT como ameaças (ALVES, 2019). Em 2018, o pânico sexual, ancorado na “ideologia de gênero” foi utilizado estrategicamente por ele para conquistar eleitores. Entre outros fatores, a estratégia deu certo, visto que o candidato foi eleito como presidente naquele ano. Isso reflete a tendência do pânico sexual ser utilizado no Brasil para justificar atitudes autoritárias e conservadoras. Essas atitudes incluem querer

controlar, reprimir e até eliminar pessoas que não se encaixam nos padrões morais, sexuais, raciais ou econômicos que são considerados aceitáveis dentro de uma lógica patriarcal cishetero capitalista (SANTOS, 2022). Na campanha eleitoral de 2022, quando Bolsonaro tentou a reeleição, a “ideologia de gênero” continuou a influenciar o debate (FERREIRA, 2022):

O próprio presidente Jair Bolsonaro retornou ao tema “ideologia de gênero” durante a campanha para sua reeleição. Em 26 de agosto, numa crítica à TV Globo, ele disse que “a emissora pode até continuar promovendo perversidades como o aborto, as drogas, a ideologia de gênero, a inversão de valores e a destruição da família se assim desejar, só que não mais sustentada com rios de dinheiro público”. (FIGUEIREDO; MALVEZZI, 2022)

Bolsonaro também mobilizou a “ideologia de gênero” para atacar a candidatura do adversário Luiz Inácio Lula da Silva (PT) (MARTINS, 2023). O decreto, assinado no segundo mandato de Lula, em 2009, lançou o PNDH-3 (Programa Nacional de Direitos Humanos), com ações para combater a desigualdade de gênero, raça, além de coibir a LGBTfobia e amplificar os direitos da população LGBTQIA+. De acordo com Bolsonaro, o programa – que não cita o termo “ideologia de gênero” – é responsável por atacar a família brasileira e desconstruir a heteronormatividade (ALEIXO, 2022).

Segundo Miskolci e Campana (2017), a oposição à “ideologia de gênero” é composta por católicos, neopentecostais e conservadores. Embora em menor escala, há a presença de indivíduos autodeclarados apartidários ou insatisfeitos com a política institucional. Quem se posicionam contra a “ideologia de gênero” deseja evitar que os movimentos feminista e LGBTQIA+ influenciem a elaboração de políticas públicas destinadas a modificar as estruturas do Estado, historicamente dominadas por homens cisheterossexuais. Como resultado, o Estado fica “refratário às demandas de emancipação feminina e de expansão de direitos e cidadania àqueles e àqueles que consideram ameaçar sua concepção de mundo tradicional.” (MISKOLCI; CAMPANA, 2017, p. 743).

De acordo com Biroli *et al.* (2020), a partir da década de 2010, a “ideologia de gênero” passou a ser estrategicamente instrumentalizada como estratégia política transnacional. Embora não tenha lastro científico, a chamada “ideologia de gênero” é

difundida por grupos e partidos políticos conservadores, religiosos e de extrema-direita a fim de propagar falsas demandas dos movimentos feministas e LGBTQIA+.

Algumas dessas supostas reivindicações podem ser consideradas absurdas, por exemplo, quando propagam a ideia de que a educação sexual nas escolas teria como efeito: a sexualização precoce de crianças; a destruição da família; e a implantação do comunismo. Desse modo, direitos sexuais e reprodutivos são colocados em oposição ao biológico, visto que a “ideologia de gênero” rompe com a diferença natural entre homem e mulher.

Na América Latina, a “ideologia de gênero” é uma ferramenta discursiva essencial para a promoção do neoconservadorismo, sobretudo para legitimar projetos conservadores no Congresso Nacional. Em 2018, com a candidatura de Bolsonaro à presidência, a mobilização da “ideologia de gênero” ficou mais evidente, visto que o candidato prometeu combatê-la em seu programa eleitoral (BIROLI *et al.*, 2020; ROCHA, 2021).

Com a posse de Bolsonaro à presidência, a partir de 2019, passamos a observar retrocessos e ataques à população LGBTQIA+ (VASCONCELOS, 2019) e o desmonte de políticas públicas voltadas para este grupo social – como a extinção do Departamento de Promoção dos Direitos de LGBT (PEREIRA, 2022), implicando em uma desinstitucionalização dos temas relacionados às pessoas LGBTQIA+ (FEITOSA, 2021). Desse modo, a crença em uma “ideologia de gênero” e o combate a ela acaba por aumentar a LGBTfobia, minar direitos e fomentar a violência (SILVA, 2021).

Durante sua trajetória política, Bolsonaro, capitão reformado, cultivou uma retórica pautada em apelos morais, conservadores e conspiracionistas – os quais trouxe consigo desde a ditadura, período da história brasileira reiteradamente enaltecido pelo político. Durante a ditadura civil-militar no Brasil (1964-1985), pessoas LGBTQIA+ enfrentaram constante controle do Estado por meio de políticas sexuais cujo objetivo era reprimir essa população (QUINALHA, 2021; MORANDO, 2018).

No período, essa perseguição era legitimada pela Doutrina de Segurança Nacional que enquadrava as pessoas LGBTQIA+ como subversivas e alinhadas com o comunismo (QUINALHA, 2021; COWAN, 2018). Nesse sentido, o controle exercido

pelo Estado reforçava a ideia de que a população LGBTQIA+ era uma ameaça à soberania nacional. À vista disso, a partir de Wodak (2015), entendemos que a perseguição e a repressão às pessoas LGBTQIA+ durante a ditadura eram estratégias da “política do medo”. A instrumentalização dessa política ocorre pela mobilização do antagonismo – “nós vs. eles” –, que demarca o “Outro” como bode expiatório nocivo à sociedade.

Segundo Wodak (2015), há uma ênfase no medo das minorias dentro dos países, pois esses grupos são vistos como parasitas que buscam "destruir" o hospedeiro por dentro – o mesmo entendimento que o Estado brasileiro tinha durante a ditadura³ em relação à população LGBTQIA+, que era vista como um componente da estratégia comunista para destruir a sociedade capitalista.

Butterwegge (1996) salienta que movimentos de direita se beneficiam da construção da figura de um inimigo. Desse modo, assim como ocorreu com Bolsonaro nos últimos anos, partidos e líderes de direita são construídos como heróis salvadores, responsáveis por proteger o "povo" das ameaças. A direita oferece, portanto, respostas simples e claras para medos e desafios, construindo bodes expiatórios e inimigos culpados pelos infortúnios.

De acordo com Wodak (2015), o medo forjado pela direita, sobretudo a radical, gravita em torno de uma visão de mundo heteronormativa – e por que não dizer cisheteronormativa? Nos últimos anos, o avanço das discussões em torno das relações de gênero fomentou o imaginário conservador, que por sua vez impulsionou a construção do medo pela direita. A suposta indução à homossexualidade, a pedofilia, a erotização infantil e a perversidade passaram a ser temas comumente associados à população LGBTQIA+ e ao PT, ambos compreendidos como “comunistas” – o que evidencia resquícios de um imaginário advindo da ditadura (POPOLIN, 2019).

³ Há registros de intolerância e preconceito contra a população LGBTQIA+ no Brasil desde os tempos da colonização. No entanto, a ditadura é um período relevante quando pensamos na instrumentalização do aparato estatal para efetuar a repressão.

Em passagem pelo Brasil, Judith Butler foi perseguida por ser a principal representante da chamada “ideologia de gênero”, contra a qual grupos conservadores, religiosos, católicos e evangélicos, liderados por empreendedores morais, erigiram-se em uma espécie de cruzada moral, contrária a uma “presumida indução à homossexualidade, à pedofilia e até mesmo ao comunismo” que seria perpetrada, sobretudo, nas escolas (BALIEIRO, 2018, p. 9).

É fato que mensagens circuladas nos grupos pró-Bolsonaro no WhatsApp acionam assuntos relacionados a gênero e à orientação sexual, incluindo a “ideologia de gênero”, por meio de duas chaves: o pânico moral e o mito de uma conspiração (POPOLIN, 2021a; 2021b). E no Telegram? Para lançar luz sobre essa problemática, considerando que a população LGBTQIA+ foi vista como inimiga na ditadura e vem sendo considerada inimiga por grupos e partidos de extrema-direita, investigamos a seguir se em grupos e canais pró-Bolsonaro no Telegram, as mensagens que citam a população LGBTQIA+ evocam associações advindas da ditadura, transformando-a em inimiga pela evocação do medo.

4. A mobilização do medo no Telegram

Nesta pesquisa, monitoramos grupos e canais pró-Bolsonaro presentes no Telegram, encontrados a partir de links públicos que circulam nas plataformas sociais ou em sites indexados ao Google. Em um primeiro momento, com o objetivo de reunirmos um número considerável, empregamos o método “bola de neve” – resultando em um total de 40 grupos e canais.⁴

Posteriormente, após ingressarmos nos espaços utilizando um dispositivo móvel, demos continuidade à investigação encoberta, visto que, com base nas constatações de Chagas *et al.* (2019), identificamos que esses ambientes são hostis às investigações das Ciências Sociais e Humanas. Em seguida, empreendemos a

⁴ Preservamos todos os dados de natureza privada dos sujeitos participantes dos grupos monitorados, visto que nesse momento investigamos somente o conteúdo das mensagens. Ademais, salientamos que todos os grupos são públicos e abertos para o acesso a todos que desejam participar.

observação empírica e a exportação manual de todo o conteúdo textual publicado entre agosto e outubro de 2022 – período que engloba a campanha eleitoral para a presidência da República, bem como os dois turnos do pleito.

As mensagens coletadas pelo *Telegram Desktop* formaram um *dataset* de dados brutos no formato *json*. A partir do *dataset*, com o *RStudio*, convertimos os dados em *json* para *csv*, para, em seguida, extrairmos, com o *Notepad++*, todas as menções aos termos: “ideologia de gênero” e “LGBT”. Sob um viés quantitativo, no total de mensagens coletadas entre agosto e outubro de 2022 (N=358.774), observamos que o termo “ideologia de gênero” foi mencionado N= 708; já o termo “LGBT”, N=549, totalizando N=1.257. Para realizar a análise exploratória a seguir, seguindo a recomendação de Krippendorf (2004), calculamos uma amostra com 95% de confiança e 5% de margem de erro, o que resultou em 295 mensagens.

Nas mensagens analisadas, a “ideologia de gênero” é citada como algo defendido por “demônios”, com o objetivo de humilhar crianças. É comum observarmos o acionamento do mote de campanha de Bolsonaro, de 2018, “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, em mensagens que conclamam os “patriotas” para a lutar por um “país livre de verdade, sem corrupção, ideologia de gênero, militância”. Nesse sentido, as eleições são encaradas como a “hora da verdade”, realizadas em um contexto no qual o “atual presidente [Bolsonaro] rema contra a maré”.

A eleição de 2018 é lembrada como o momento no qual Bolsonaro “com a ajuda do povo clamou a Deus por transformação e libertação do nosso país do socialismo e comunismo”. No entanto, ao longo do mandato e no pleito de 2022, “o maligno (demônio, satanás, diabo) manifestou-se, com ferramentas de destruição pra cima do povo de Deus que tem fé e que está revestida de toda armadura espiritual”. Para lutar contra isso, é preciso mover o “exército divino” contra o “maligno”. Desse modo, apoiadores de Bolsonaro são vistos como “soldados”, ao passo que antigos apoiadores são lidos como “traidores”.

A esquerda é vista como apoiadora de ladrões, assassinos, estupradores, traficantes, sequestradores, por identificar estes sujeitos como “vítimas da sociedade”. Outras pautas associadas à esquerda são a “liberação” das drogas e do aborto.

Dentro dessa miríade de tópicos associados à esquerda, assim como observamos em grupos bolsonaristas no WhatsApp (POPOLIN, 2021a; 2021b), destaca-se o fomento à “erotização e a sexualidade das crianças nas escolas, através da ideologia de gênero (sic)”, bem com o apoio à “homossexualidade e a transsexualidade (sic), criando uma falsa narrativa e a divisão entre as classes e impondo essas opções sexuais a cada indivíduo, apoia também a promiscuidade e depravação das pessoas abertamente”.

As pautas consideradas de esquerda são compreendidas como balizadoras da “destruição das famílias e dos valores e princípios Judaico/Cristão (sic)”. O Estado laico, uma das principais reivindicações dos partidos e movimentos de esquerda, é visto como sinônimo de apoio a “seitas satânicas, com seus demônios e deuses pagãos”, uma vez que “quando a imagem e as representações ou símbolos cristãos desaparecem da vida de um povo, o ocultismo, os rituais e o satanismo tomam de conta”. O trecho abaixo complementa o modo como a esquerda é compreendida nas mensagens analisadas:

Apoia a igualdade social, no qual eles nivelam todas as classes na miséria e apenas os líderes socialistas ficam num patamar social elevado no comando, controlando e escravizando a sociedade; 📌 Apoia os Ditadores e genocidas Comuno-Socialistas que mataram mais de 100 milhões de pessoas inocentes no mundo; 📌 Apoia o controle social, no qual a população só deve obdecer suas normas e regimentos para o controle total da população. Ex. (O passaporte sanitário); 📌 Eles escravizam os pobres no assistencialismo, no qual o povo para poder comer precisa depender sempre da esmola dos socialistas; 📌 Apoia os aumentos elevados de impostos para poder manter a maquina pública com seus líderes e membros de partidos parceiros sugando e desviando recursos públicos o quanto puderem; 📌 Apoiam o enfraquecimento do Agronegócio que alimenta todo o mundo e também apoia o aumento de invasões das propriedades para serem tomadas pelos movimentos sociais, com alegação de ser terras improdutivas, para poderem fazer a suposta reforma agrária, mas quando os agricultores recebiam essas terras, sempre ficavam sem receber o seu título das terras, ficando escravizados nas mãos dos líderes socialistas. 📌 Apoia o fim da propriedade privada e a legalização da invasão de imóveis para ser tomados pelos movimentos sociais etc. - VOCÊ APOIA ISSO??? Pessoas de bem não apoia isso, só vagabundos, desordeiros, criminosos, delinquentes e satanistas! Veja o vídeo e nos Siga: (sic)

É comum o sentimento de que o PT tem como objetivo implantar uma “Agenda Globalista Satanista”. Nesse sentido, há a mobilização de eleitores religiosos, sobretudo os evangélicos, em mensagens imperativas, como “crente que apoia o ladrão, os vermelhinhos e a ideologia de gênero é membro da sinagoga de satanás, aqueles que se dizem crentes e não são”. Há o acionamento de um imaginário que coloca a esquerda e o PT como propagadores de uma “agenda anticristo, aborto, ideologia de gênero, furtos e roubos, drogas (sic)”, com o objetivo de fazer o “inferno se instalar no Brasil”:

👉👎 ESQUERDALHAS DO SATANÁS Parada LGBT infantil no Canadá. Lamentável ! Muito triste...! Estamos caminhado para o fim... ! 😞😞😞 A HUMANIDADE ADOECEU GRAVEMENTE... ! 😞 Em breve no Brasil, na gestão de Lula e seus aceclas ! (PENSE ! ANALISE ! VOTA CERTO ... ! OU FODA COM A INFÂNCIA DOS SEUS FILHOS E NETOS) ! (sic)

Na ditadura (1964-1985), a repressão contra as pessoas LGBTQIA+ foi realizada de modo sistemático pelo Estado (QUINALHA, 2021). No período, duas vertentes justificavam a ação de reprimir esta parcela da população brasileira, uma política e outra moral – a primeira, ligada à Doutrina de Segurança Nacional e a segunda à moral conservadora. De acordo com Cowan (2018), desvios sexuais e morais eram compreendidos como uma das estratégias para enfraquecer a nação, abrindo caminho para a revolução comunista. Segundo a lógica conservadora, uma sociedade menos viril, mais hedonista e permissiva é facilmente cooptada por movimentos subversivos com o objetivo de destruir o *status quo*.

À vista disso, nas mensagens analisadas, observamos que aspectos políticos e morais mobilizados pela ditadura são evocados para justificar o medo e o perigo simbolizados pela “ideologia de gênero” e pela população LGBTQIA+. No âmbito político, isso fica evidente quando observamos um consenso de que os verdadeiros “patriotas” precisam lutar como “soldados” em prol de um “país livre do comunismo”. No âmbito moral, destaca-se a destruição da família tradicional relacionada à suposta “ideologia de gênero” e à população LGBTQIA+. As duas vertentes são, ainda hoje, legitimadas pelo anticomunismo, de modo semelhante à época da ditadura.

Observamos que a “ideologia de gênero” é constantemente associada como uma das pautas principais do PT, de modo que quem é contra o “neo comunismo”, a intervenção “ideológica partidária nas escolas” e o “aborto” precisa se posicionar contra. Sendo assim, a “ideologia de gênero” é compreendida como “a destruição, a negação do intelecto e da realidade. É um mal que precisa e vai ser combatido”. A noção de que o “mal” se aproxima e precisa ser combatido é recorrente, visto que “estamos vivendo uma agenda satânica”, pois “comerciais LGBT+ são maioria na TV”, exemplifica uma das mensagens.

Lula é apontado como apoiador da “ideologia de gênero”, logo, da destruição da família tradicional e da sexualização das crianças nas redes públicas de ensino. A “ideologia de gênero” é utilizada para fomentar um imaginário acerca da degeneração moral da esquerda, visto que tal ideologia permitiria “pai casar com filho” e descriminalizaria a pedofilia. Há algumas mensagens que são completas aberrações, como a seguinte: “Descriminalização do sexo com animais’: Marchas do Orgulho da Zoofilia exigem que o movimento LGBTQI + adicione um Z”. Há um clima de que é preciso união para lutar em prol da família tradicional, pois o Brasil “jamais será vermelho”. Para isso é preciso divulgar que:

haverá quem não queira que as pessoas saibam sobre a importância da família e, considerando que existem direitos individuais, como a liberdade em GOSTOS SEXUAIS, diferentes da imposição de comportamentos aberrantes e anormais dos Ministérios da Educação, promover a degeneração da raça humana, objetivo das elites ocultas do poder LGBTI.

A “coragem” é mobilizada como fundamental no enfrentamento da “ideologia de gênero, feminismo”, a fim de apoiar Bolsonaro na luta contra “pautas destrutivas da elite”. Desse modo, há a cristalização de Bolsonaro como um *outsider* que luta contra as elites que financiam a “ideologia de gênero”, o aborto e a perseguição às igrejas.

Tratando-se dos direitos da população LGBTQIA+ e dos direitos reprodutivos, o clima das mensagens é de que “estamos caminhando para o fim”, uma vez que “criaturas das trevas” trabalham para “destruir nossas famílias e nossos valores”. A polêmica do “kit gay” é recorrentemente mobilizada para atacar Haddad e o PT, alertando sobre o “perigo” e a tentativa de “erotizar nossos filhos dentro das salas de

aula". Por fim, Bolsonaro é enaltecido como aquele que se dispõe a lutar contra tais mazelas, uma vez que "com seu jeitão de ser expressou o desejo, sentimento e o que o povo pensa".

É indubitável nas mensagens analisadas que a "ideologia de gênero" é vista como uma ferramenta da esquerda, sobretudo do PT, para colocar em ação um grande plano comunista/globalista de dominação. Fica evidente a demarcação do Outro como inimigo, por meio de dicotomias maniqueístas e da mobilização do medo. Notamos a instrumentalização da "política do medo" (WODAK, 2015), que se apoia em uma concepção unificada do "povo", mobilizando o argumento "nós contra eles".

Desse modo, a "ideologia de gênero", a população LGBTQIA+, os direitos reprodutivos e as pautas feministas são instrumentalizadas como bodes expiatórios, isto é, perigos que devem ser combatidos para evitar a corrupção da sociedade brasileira. Conforme Wodak (2015) observa, o medo em relação às "minorias" é fomentado por uma ideia de que elas, assim como "parasitas", visam destruir o hospedeiro – o país, a pátria, a nação. Do mesmo modo que o Estado brasileiro retratava a população LGBTQIA+ durante a ditadura, como uma estratégia comunista para desestabilizar a sociedade, percebemos esse mesmo tipo de ilação nas mensagens analisadas.

5. Considerações finais

Na última década, ficou evidente a instrumentalização da internet, redes on-line e plataformas sociais por movimentos e grupos extremistas, como os bolsonaristas. Nesse contexto, o Telegram se destaca como um aplicativo de mensagens profícuo para a propagação de grupos, canais e ideais de extrema-direita, teorias da conspiração, LGBTfobia, racismo, misoginia, violência de gênero e desinformação.

Como apontado por Monari (2022), o Telegram ainda é pouco investigado por pesquisas da área da Comunicação. Algumas características do aplicativo de mensagens acabam por impedir a realização de pesquisas congruentes, bem como a observação de resultados precisos.

Assim, como indicado por Dibai (2021), notamos aspectos desafiadores em relação à pesquisa no Telegram, como: a pluralidade de participantes nos grupos e canais, que pode implicar em subnotificações e generalizações; a dificuldade em quantificar os dados, sobretudo por conta da informalidade, fragmentação, imprevisibilidade, ambiguidade, instantaneidade e criatividade; a presença de *bots*; climas de opinião diferentes em momentos diversos; o raciocínio fragmentado em postagens diferentes; e a variedade de termos e formas nas mensagens. Além disso, o Telegram oferece a opção de mensagens autodestrutivas e temporárias – estratégia utilizada por muitos grupos para dificultar investigações –, de modo que a coleta de dados nesses espaços é prejudicada.

Este trabalho não esgota a discussão, nem apresenta respostas definitivas. No entanto, a partir do esforço efetuado aqui, é indubitável que o avanço dos movimentos de extrema-direita e do bolsonarismo é ancorado no medo decorrente de pautas concernentes ao reconhecimento das diferenças de gênero e sexualidade, compreendidas como desvios à norma cisheteronormativa. A “ideologia de gênero”, quando mobilizada pela extrema-direita, abarca também as pautas feministas. Contudo, apesar da interseccionalidade quando pensamos nas mulheres transsexuais e travestis, neste trabalho não lançamos luz especialmente sobre essa problemática.

A intolerância contra a população LGBTQIA+ não surgiu durante a ditadura, mas foi nesse período que estes sujeitos passaram a ser tratados de modo sistemático como inimigos do Estado. Os preconceitos foram instrumentalizados por órgãos de inteligência para criar dossiês sobre imoralidade e subversão, uma vez que a conexão entre esses dois aspectos "derivava da paranoia anticomunista e da grande preocupação com a chamada 'revolução dos costumes'" (FICO, 2018, p.15).

Atualmente, presenciamos uma nova onda de paranoia anticomunista (POPOLIN, 2023), que retroalimenta a extrema-direita brasileira e o bolsonarismo. Sendo assim, notamos que parte da estruturação de movimentos extremistas – que se manifestam em grupos e canais no Telegram como os analisados – evoca estratégias discursivas advindas da ditadura.

À vista disso, a “ideologia de gênero” e a população LGBTQIA+, bem como as questões relacionadas a ela, são exploradas com o objetivo de incutir medo em parte

da sociedade – sobretudo durante as eleições presidenciais. A partir dos grupos analisados, observamos que o bolsonarismo se aproveita da criação de um inimigo para imputar a Bolsonaro a figura de um “herói” e protetor do “povo” contra os perigos representados pelas pessoas LGBTQIA+.

Referências

ALEIXO, Isabela. **Bolsonaro distorce decreto para atacar Lula e suposta "ideologia de gênero"**. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2022/09/23/bolsonaro-distorce-decreto-para-atacar-lula-e-suposta-ideologia-de-genero.htm>. Acesso em: 30 mar. 2023.

ALVES, Marcelo. **Desarranjo da visibilidade, desordem informacional e polarização no Brasil entre 2013 e 2018**. Tese de doutorado. PPGCOM-UFF, 2019.

BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. “Não se meta com meus filhos”: a construção do pânico moral da criança sob ameaça. **Cad. Pagu**, n. 53, 2018.

BIROLI, Flávia; VAGGIONE, Juan Marco; MACHADO, Maria das Dores Campos. **Gênero, neoconservadorismo e democracia: disputas e retrocessos na América Latina**. Boitempo Editorial, 2020.

BUTTERWEGGE, Christoph. **Rechtsextremismus, Rassismus und Gewalt**. Darmstadt: Primus, 1996.

CLÉBICAR, Tatiana; BRASILIENSE, Danielle. “Nosso gênero vem de Deus”: normatividade heterossexual em vídeos religiosos infantis do YouTube. **Anais do XXIX Encontro Anual da Compós**. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2020.

COWAN, Benjamin. Homossexualidade, ideologia, e “subversão” no regime militar. In: GREEN, James; QUINALHA, Renan (org.). **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. São Carlos: EdUFSCar, 2018.

DIBAI, Priscilla. “Lula nunca será livre”: a ofensiva ao inimigo em grupo bolsonarista no Telegram. **Revista Compólitica**, v. 11, n. 1, p. 5-30, 2021.

FEITOSA, Cleyton. Do “Kit Gay” ao “Ministério da Família”: a desinstitucionalização das políticas públicas LGBTI+ no Brasil. **Cadernos de gênero e tecnologia**, v. 14, n. 43, p. 74-89, 2021.

FERREIRA, Israel. **Ideologia de gênero: após ser citado por candidatos ao GDF no debate da Globo, termo tem pico de buscas no Google**. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2022/09/28/ideologia-de-genero-apos-ser-citado-por-candidatos-ao-gdf-no-debate-da-globo-termo-tem-pico-de-buscas-no-google.ghtml>. Acesso em 30 mar. 2023.

FICO, Carlos. Prefácio. In: GREEN, James; QUINALHA, Renan (org.). **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. São Carlos: EdUFSCar, 2018.

FIGUEIREDO, Camilla; MALVEZZI, Paulo. **‘Ideologia de gênero’: como o clã Bolsonaro usa internet para atacar LGBTI+**. 2022. Disponível em: <https://adiadorim.org/reportagens/2022/09/ideologia-de-genero-como-o-cla-bolsonaro-usa-internet-para-atacar-lgbti/>. Acesso em 30 mar. 2023.

GOMES, Wilson. **Transformações da política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Editora Paulus, 2004.

GRANJEIA, Julianna. **STF ordena bloqueio imediato de canais golpistas no Telegram**. 2023. Disponível em: <https://www.terra.com.br/byte/stf-ordena-bloqueio-imediato-de-canais-golpistas-no-telegram,4d5df4f9b2535df67456968853538c65gw5xr3bc.html>. Acesso em 24 mar. 2023.

GUHL, Jakob; DAVEY, Jacob. A Safe Space to Hate: White Supremacist Mobilisation on Telegram. **Institute for Strategic Dialogue**, v. 26, 2020.

INTERNETLAB. **Democracia digital: análise dos ecossistemas de desinformação no Telegram durante o processo eleitoral brasileiro de 2022**. 2022. Disponível em: <https://internetlab.org.br/wp-content/uploads/2022/08/telegram-01-relatorio-06-1.pdf>. Acesso em 25 mar. 2023.

KNIJNIK, Jorge. To Freire or not to Freire: Educational freedom and the populist right-wing 'Escola sem Partido' movement in Brazil. **British Educational Research Journal**, v. 47, n. 2, p. 355–371, 2021.

KRIPPENDORFF, KLAUS. *Content Analysis*. Thousand Oaks: Sage, 2004.

LAMERICHES, Nicolle; NGUYEN, Dennis; MELGUIZO, Mari Carmen; RADOJEVIC, Radmila; LANGE-BÖHMER, Anna. Elite male bodies: The circulation of alt-Right memes and the framing of politicians on Social Media. **Participations**, v. 15, n.1, p. 180-206, 2018.

LIONÇO, Tatiana; ALVES, Ana Clara; MATTIELLO, Felipe; FREIRE, Amanda Machado. Ideologia de gênero: estratégia argumentativa que forja cientificidade para o fundamentalismo religioso. **Revista Psicologia Política**, São Paulo, v. 18, n. 43, 2018, p. 599-621.

MAIA, Lídia Raquel Herculano; OLIVEIRA, Thaianie; MASSARANI, Luisa; SANTOS JÚNIOR, Marcelo Alves. A contestação às vacinas contra Covid-19 em grupos do Telegram no Brasil. **Intexto**, n. 55, 2023.

MARTINS, Helena. A disputa na internet: plataformas, desinformação e impactos na democracia. In: AVRITZER, Leonardo; SANTANA, Eliara; BRAGATTO, Rachel. **Eleições 2022 e a reconstrução da democracia no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. "Ideologia de gênero": notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Sociedade e Estado**, v. 32, n. 3, 2017, p. 725-747.

MONARI, Ana Carolina. "Verdades divididas" sobre a Covid-19: o uso do canal do Telegram de Bolsonaro como registro oficial do governo. **Cadernos De História Da Ciência**, v. 15, n. 1, p. 1-32, 2022.

MORANDO, Luiz. Por baixo dos panos: repressão a gays e travestis em Belo Horizonte (1963-1969). In: GREEN, James; QUINALHA, Renan (org.). **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. São Carlos: EdUFSCar, 2018.

NAGLE, Angela. **Kill All Normies: Online Culture Wars from 4chan and Tumblr to Trump and the Alt-Right**. Winchester: Zero Books, 2017.

PATRIOLINO, Luana. **Entenda o que levou o STF a banir o Telegram no Brasil**. 2022. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/03/19/interna_politica.1353944/entenda-o-que-levou-o-stf-a-banir-o-telegram-no-brasil.shtml. Acesso em 24 mar. 2023.

PENTEADO, Claudio Luis de Camargo; LERNER, Celina. A direita na rede: mobilização online no impeachment de Dilma Rousseff. **Em Debate**: Periódico de Opinião Pública e Conjuntura Política, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 12-24, 2018.

PEREIRA, Matheus Mazzilli. **Políticas para LGBTI+ no governo federal: ascensão e queda**. 2022. Disponível em: <https://pp.nexojournal.com.br/linha-do-tempo/2022/Pol%C3%ADticas-para-LGBTI-no-governo-federal-ascens%C3%A3o-e-queda>. Acesso em 30 mar. 2023.

POPOLIN, Guilherme. **Anticomunismo no Brasil contemporâneo: o mito do comunismo em memes de internet**. Curitiba: Appris, 2023.

POPOLIN, Guilherme. Intervenção militar já: os memes da internet e o imaginário da nova direita brasileira sobre a ditadura civil-militar In: **Fluxos em redes sociotécnicas: das micronarrativas ao big data**. São Paulo: Intercom, 2019, p. 283-307.

POPOLIN, Guilherme. Masculinizar a mulher e feminilizar o homem: o conluio entre LGBT+ e a esquerda para implantar a “ideologia de gênero” no Brasil. XXX COMPÓS. **Anais...**, 2021b.

POPOLIN, Guilherme. Projeto maléfico: a sexualização de crianças e o pânico moral difundidos no WhatsApp bolsonarista. 9ª COMPOLÍTICA. **Anais...**, 2021a.

QUINALHA, Renan. Contra a moral e os bons costumes: **A ditadura e a repressão à comunidade LGBT**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

RAHBARI, Ladan. Queering Iran, digitally: Implicit activism and LGBTQI+ dating on Telegram. **Tijdschrift voor Genderstudies**, v. 25, n. 2, p. 141 – 157, 2022.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político**. Goiânia: Editora e Livraria Caminhos, 2021.

ROMANCINI, Richard. Do “Kit Gay” ao “Monitor da Doutrinação”: a reação conservadora no Brasil. **Contracampo**, v. 37, n. 2, p. 87-108, 2018.

SANTOS, Allan Carlos dos. O BOLSONARISMO E A FABRICAÇÃO DO PÂNICO SEXUAL NOS AMBIENTES DE SOCIABILIDADE DIGITAL. **Anais do XXXI Encontro Anual da Compós**. Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz (MA), 2022.

SCHEREN, Maria Luiza. **Ecosistemas de desinformação e propaganda computacional na plataforma Telegram: uma abordagem híbrida**. 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/239510>. Acesso em: 26 mar. 2023.

SCHULZE, Heidi; HOHNER, Julian; GREIPL, Simon; GIRGNHUBER, Maximilian; DESTA, Isabell; RIEGER, Diana. Far-right conspiracy groups on fringe platforms: a longitudinal analysis of radicalization dynamics on Telegram. **Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies**, v. 28, n. 4, p. 1103-1126, 2022.

SHU, Catherine. Meet Telegram, A Secure Messaging App From The Founders Of VK, Russia’s Largest Social Network. 2013. Disponível em: <https://techcrunch.com/2013/10/27/meet-telegram-a-secure-messaging-app-from-the-founders-of-vk-russias-largest-social-network/>. Acesso em 12 abr. 2023.

SILVA, Elder Luan dos Santos. Neoconservadorismo e ofensivas antigênero no Brasil: a mobilização da ideologia de gênero e a produção de LGBTfobias no governo Bolsonaro. **Rebeh**, v. 4, n. 14, p. 331-363, 2021.

SIMAREMARE, Melpin Simaremare; PRIBADI, Farid. Violence Gender Violence In Virtual Sexual Harassment On Social Media Telegram: Gender Violence In Virtual Sexual Harassment On Social Media Telegram. **Metafora: Education, Social Sciences and Humanities Journal**, v. 6, n. 2, p. 30-38, 2022.

SOUZA, Grazielle; PEREIRA, Maria Clara; CRUZ, André; DIAS, Sandro. TamoJunto: Projeto comunitário de combate à COVID-19 e à desinformação. **Revista ComInG-Communications and Innovations Gazette**, v. 5, n. 3, p. 36-45, 2021.

TELEGRAM. **Telegram Press Info**. 2023. Disponível em: <https://telegram.org/press>. Acesso em 12 abr. 2023.

UOL. **Moraes multa Telegram em R\$ 1,2 milhão por não bloquear Nikolas Ferreira**. 2023a. <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2023/01/25/moraes-multa-telegram-em-r-12-milhao-por-nao-bloquear-nikolas-ferreira.htm>. Acesso em 24 mar. 2023.

UOL. **Telegram diz a Moraes que pagou multa por não bloquear Nikolas Ferreira**. 2023b. <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2023/02/02/telegram-diz-pagou-multa-alexandre-de-moraes.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em 24 mar. 2023.

URMAN, Aleksandra; KATZ, Stefan. What they do in the shadows: examining the far-right networks on Telegram. **Information, Communication & Society**, v. 25, n. 7, p. 904-923, 2022.

VASCONCELOS, Caê. **Os retrocessos para população LGBT+ em 2019**. 2019. Disponível em: <https://ponte.org/os-retrocessos-do-governo-bolsonaro-para-lgbt-em-2019/>. Acesso em: 30 mar. 2023.

VELHO, Eduardo Gabriel. Relações entre a mansphere brasileira e a circulação de informações prejudiciais na plataforma alt-tech telegram. 31º COMPÓS. **Anais...**, 2022.

WALTHER, Samantha; MCCOY, Andrew. US Extremism on Telegram: Fueling Disinformation, Conspiracy Theories, and Accelerationism. **Perspectives on Terrorism**, v. 15, n. 2, p. 100-124, 2021.

WEBER, Maria Helena. “Nas redes de comunicação pública, as disputas possíveis de poder e visibilidade.” In: WEBER, Maria Helena, COELHO, Marja Pfeifer, LOCATELLI, Carlos (Orgs). **Comunicação Pública e Política: pesquisa e práticas**. Florianópolis: Insular, 2017.

WODAK, Ruth. **The politics of fear: what right-wing populist discourses mean**. Londres: Sage, 2015.